

**A circulação literária e cultural em *Urihi: nossa terra, nossa floresta*,
de Devair Fiorotti**

*The literary and cultural circulation in Urihi: our land, our forest, by
Devair Fiorotti*

Suênia Kdidija de Araújo Feitosa¹

Roberto Mibielli²

Resumo: O sistema literário de Roraima é incipiente se comparado aos grandes centros culturais do País. Justamente por sua curta trajetória, notamos a necessidade de estudar os processos de circulação literária e cultural na formação da literatura local. A partir dessa necessidade e de muitas leituras sobre circulação, surge a proposta de pesquisar as incorporações presentes na literatura construída em Roraima, especificamente em *Urihi: nossa terra, nossa floresta* (2017), de Devair Antônio Fiorotti. Assim, o percurso que desejamos traçar é composto de vários questionamentos e um dos principais é identificar os produtos culturais e literários inseridos em *Urihi*. Diante do exposto, resta-nos reconhecer a complexidade que envolve o trabalho de pesquisar as transferências literárias e, como salienta Jobim (2020): não considerar somente os sentidos que os elementos importados tinham em seus locais de origem, e sim enfatizar os significados que tais elementos constroem em seus novos contextos. Dessa maneira, nossa caminhada delimita-se na busca por indícios que nos revelem os elementos em circulação a partir de uma narrativa local com temática indigenista.

Palavras-chaves: Circulação; Roraima; Temática Indígena.

Abstract: The literary system of Roraima is incipient when compared to the great cultural centers of the country. Precisely because of its short trajectory, we noticed the need to study the processes of literary and cultural circulation in the formation of local literature. From these needs and many readings on circulation, here is the proposal to research the incorporations present in the literature built in Roraima, specifically in *Urihi: nossa terra, nossa floresta* (2017), by Devair Antônio Fiorotti. Thus, the path we wish to trace is composed of several questions and one of the main ones is to identify the cultural and literary products inserted in *Urihi*. In view of the above, we must recognize the complexity involved in researching literary transfers and, as Jobim (2020) points out: not to consider only the meanings that the imported elements had in their places of origin, but to emphasize the meanings that such elements construct in their new contexts. Thus, our path is delimited in the search for clues that reveal us the elements of circulation from a local narrative with an indigenist theme.

Keywords: Circulation; Roraima; Indigenous Theme.

¹ Doutoranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense; mestre em Letras (UFRR). E-mail: kdidijasuenia@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0553-5163>

² Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e Professor Associado da Universidade Federal de Roraima. E-mail: roberto.mibielli@ufrr.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4171-3280>

Introito a título de contextualização

O sistema literário de Roraima é incipiente se comparado aos grandes centros culturais do nosso país, afinal, este estado tem uma história recente, pois de 1943 até 1988, tinha apenas o status de Território Federal. Somente com a Constituição de 1988, passou a ser considerado estado-membro da Federação Brasileira. Justamente por essa curta trajetória, notamos a necessidade de estudar os processos de circulação literária e cultural na formação de sua literatura.

Boa parte da produção literária em Roraima teve origem com o Movimento Roraimeira, movimento cultural que iniciou na década de 80. Segundo Oliveira; Wankler; Souza (2009), esse movimento buscou discutir o problema da identidade cultural roraimeense através da produção de uma arte referenciada pelos elementos da vida e da paisagem local. Diversos estudos já foram realizados sobre as publicações do Roraimeira, principalmente pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL/UFRR:

Notamos a necessidade de analisar dados empíricos que revelassem a recepção do Roraimeira, especialmente no aspecto de sua permanência no imaginário da população do Estado de Roraima. Em vista disso, a proposta foi investigar a efetiva recepção do movimento entre um público jovem, entre leitores/ouvintes de escolas públicas de ensino médio da capital Boa Vista (FEITOSA, 2014, p. 15).

A citação acima faz parte da dissertação de mestrado do PPGL/UFRR: “Recepção do Movimento Roraimeira: identificação, apropriação e construção identitária”. Este estudo teve como foco os processos de recepção dos principais autores do movimento: Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto, também conhecidos como os idealizadores do projeto de manifestação cultural.

Apesar das contribuições oriundas do PPGL/UFRR no que concerne a uma produção crítica sobre a nossa literatura, é possível inferir que ainda existe muita carência em relação ao desenvolvimento de pesquisas sobre a literatura produzida na região norte, especialmente em Roraima. Mormente, no âmbito da literatura de cunho indigenista, pouco há de produção e de análise crítica no Estado.

A partir dessas necessidades e de leituras sobre Circulação literária e cultural e Literatura Comparada, surge a presente ideia de pesquisar as incorporações presentes na

literatura indigenista construída em Roraima. Para tanto, este trabalho de natureza exploratória e interpretativa será realizado a partir da análise de *Urihi: nossa terra, nossa floresta* (2017), de Devair Antônio Fiorotti.

Devair Antônio Fiorotti nasceu na cidade de Itarana, no Espírito Santo. Fez graduação em Letras (1999), mestrado em Literatura (2001) e doutorado em Literatura (2006). Toda sua formação acadêmica foi desenvolvida na Universidade de Brasília. Foi professor no campus de Pacaraima, da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e desde 2016 era professor da Universidade Federal de Roraima. Devair também foi professor do mestrado em Educação da UERR e Instituto Federal de Roraima (IFRR). Sua chegada a Roraima deu-se em 2006:

Foi assim que, consciente do poder transformador da educação pública, pois ele próprio era prova de como a mudança pode romper com todo um ciclo de violências as mais diversas que nem se pode imaginar, Devair chega ao extremo norte ainda em 2006, aprovado no concurso público da recém-criada Universidade Estadual de Roraima. A ideia de contribuir para com o ensino público superior nas mais distantes áreas dos centros urbanos, e por isso mesmo mais vulneráveis socialmente, o atraía enormemente e nem admitia que a educação não tivesse outra finalidade que não essa, que não democratizar o ensino público de qualidade às mais diversas parcelas da sociedade (FIOROTTI, 2020, p. 11).

Pesquisador feraz, Devair desenvolveu diversos estudos nas seguintes áreas: artes verbais ameríndias, identidade, crítica literária, linguagem poética e letramento literário. Desde 2007, desenvolvia pesquisas financiadas pelo CNPq sobre poéticas orais na Terra Indígena São Marcos e na Raposa Serra do Sol (RR). Além de *Urihi: nossa terra, nossa floresta* (2017), Devair Antônio Fiorotti também publicou: *Panton Pia' – Eremukon do Circum-Roraima* (2018), *Panton Pia' – a história do menino Timbó* (2019), *Cantos e Encantos – Meriná Eremu* (2019), *Panton Pia' – a história de Makunaima* (2020), *30 poemas e solidão* (2012), *Livro dos Amores* (2014) e *Paiol* (2015).

Em relação a Urihi, Sonyellen Fiorotti (2020) salienta que:

Arrisco-me a dizer que o contato com os povos indígenas foi o ponto de virada na vida de Devair. Dele resultaram suas obras *Urihi – nossa terra, nossa floresta* (2017), ilustrado pelo artista plástico macuxi Jaider Esbell, que versa sobre a trajetória de um jovem yanomami sequestrado de seu povo, cuja família dizimada pela gripe é escravizada por um não-índio para trabalhar na atividade que ajudou a extinguir sua comunidade, o garimpo (FIOROTTI, 2020, p. 15).

A proposta de analisar a poética de Devair a partir do viés da Circulação Literária e Cultural surgiu nas aulas da disciplina de Literatura Comparada, da Pós-Graduação em Estudos de Literatura, da Universidade Federal Fluminense. As leituras e discussões contribuíram para a formação das ideias aqui apresentadas. A partir do livro *Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações* (2020), começamos a traçar o constructo teórico desta pesquisa.

No que concerne à Circulação Literária e Cultural, Jobim (2020) ressalta que:

Tentar teorizar sobre o que acontece quando, em determinada sociedade, incorporam-se elementos culturais supostamente advindos de outra, é algo sempre problemático e complexo, e que tem gerado, através dos anos, acirrados debates, com direito ao surgimento, continuação, alteração ou substituição de termos conceituais que de forma singular articulavam e relacionavam determinadas referências vigentes em um momento histórico, algumas vezes até gerando pedidos de desculpas por estar fazendo isso. (JOBIM, 2020, p. 42).

Como já suspeitávamos, o trabalho de analisar incorporações literárias e culturais é árduo, como bem enfatiza Jobim (2020): “é algo sempre problemático e complexo”. Entretanto, o autor esclarece que:

No entanto, como eu já afirmei anteriormente, alinho-me entre os que consideram que uma transferência literária e cultural não é determinada predominantemente pelo sentido que o elemento “importado” tinha no seu suposto local de origem, mas, isto sim, pela conjuntura do local em que este elemento vai se inserir. É esta conjuntura que vai explicar não somente por que este (e não outro) elemento foi “importado” mas também que sentido ele terá no contexto novo (JOBIM, 2020, p. 42).

Diante do exposto, resta-nos reconhecer a complexidade que envolve o trabalho de pesquisar as transferências literárias e, como salienta Jobim (2020), não considerar somente os sentidos que os elementos importados tinham em seus locais de origem, e sim enfatizar os significados que tais elementos constroem em seus novos contextos.

Para início de discussão, vale descrever alguns pressupostos teóricos indispensáveis para a tessitura do nosso embasamento. Para tanto, construiremos nos parágrafos que seguem breves explanações sobre: o conceito de literatura, os fundamentos da Circulação Literária e Cultural e uma abordagem necessária no que tange à literatura em Roraima, especialmente com temática indígena.

Uma ideia ou duas sobre literatura

Uma das questões complexas do já complexo mundo da literatura é a abordagem dos vários conceitos de literatura. Quando o fazemos, temos que levar em consideração as diversas faces e entrelaçamentos que esses conceitos sugerem. Muitos pesquisadores apenas tangenciam a questão preocupados com a possibilidade de terem suas abordagens contestadas graças à complexidade do objeto literário, polimorfo e polivalente. Elencamos aqui, a seguir, no entanto, alguns dos pressupostos que consideramos válidos, sem que com isso queiramos invalidar os demais. Sobre os entrelaçamentos e a complexidade que esses conceitos, quase sempre, revelam, Jobim (2021) afirma que:

O fato de que o conceito de literatura em geral possa ser aplicado a obras particulares, as quais o conceito deve apreender como literárias em sua singularidade, é um aspecto próprio do caráter da generalidade conceitual, que deve incluir também a referência ao caráter singular e específico da obra que, todavia, reconhece como literária. Repare que estamos falando de um “objeto” (a literatura) consagrado por uma tradição no Ocidente. Trata-se de um “objeto” a que já se atribuiu e ainda se atribui valor e sobre o qual se construíram muitos conceitos. Este repertório de conceitos que a História legou-nos é permanentemente desafiado em sua capacidade de dar conta de seu “objeto” (JOBIM, 2021, p. 04).

Diante do exposto, Jobim destaca que a missão de conceituar literatura é uma atividade desafiadora, já que o “objeto literatura” é dotado de singularidades e os conceitos que tentam defini-la podem ser construções variáveis, produzidas historicamente. No que se refere a essa complexidade, Eagleton (2006) destaca que:

Seria mais útil ver a literatura como um nome que as pessoas dão, de tempos em tempos e por diferentes razões, a certos tipos de escrita, dentro de todo um campo daquilo que Michel Foucault chamou de “práticas discursivas”, e que se alguma coisa deva ser objeto de estudo, este deverá ser todo o campo das práticas, e não apenas as práticas por vezes rotuladas, de maneira um tanto obscuras, de literatura (EAGLETON, 2006, p. 309).

Em *Formação da Literatura Brasileira* (1981), Candido procura salientar os elementos que permeiam a construção do conceito de literatura, de modo a abordar a questão a partir de seus constituintes sócio-históricos:

Um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se

manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização (CANDIDO, 1981, p. 23).

Destarte, tanto Jobim (2021) e Eagleton (2006) quanto Candido (1999) abordam o caráter múltiplo da literatura, sua complexidade, seus entrelaçamentos com o contexto em que circula, com a época em que circula e seu contato com o público.

As discussões sobre Circulação Literária e Cultural são variadas. Dessa maneira, nosso propósito para os próximos parágrafos será resumir alguns apontamentos, conceitos e problemáticas apresentados por José Luís Jobim (2020) e Zhang Longxi (2017). Em *Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações*, Jobim (2020) pontua para o leitor um questionamento muito presente nos estudos literários:

Assim, como vimos, nas várias dimensões de elaboração teórica envolvidas em seus respectivos trabalhos, de algum modo, todos esses teóricos incluíram entre seus interesses as maneiras como um determinado elemento literário ou cultural, com uma alegada origem em um lugar, vai inserir-se em outro lugar. Todos eles, então, procuraram refletir sobre o que está em jogo na circulação literária e cultural (JOBIM, 2020, p. 48).

Todavia, Jobim (2020) enfatiza que tal questionamento pode limitar o trabalho do pesquisador na medida em que este direciona seu olhar apenas para a origem dos elementos literários e culturais:

No caso da literatura e cultura das ex-colônias, é muito comum ficar procurando elementos na suposta “origem” europeia que depois seriam “imitados”, o que pode ser um trabalho interessante e algumas vezes justificável, mas o problema é que com frequência o pesquisador fica tão dedicado à suposta “origem” que não dá a devida atenção ao ambiente novo de recepção destes elementos. No entanto, sabemos que o mesmo elemento não mantém identidade absoluta e pode transformar-se de alguma maneira em outro, por articular-se e estabelecer relações com diferentes elementos em novo contexto. E isso pode ocorrer de muitas maneiras, e com produtos variados (JOBIM, 2020, p. 48).

Nesse sentido, conforme Jobim (2020), a análise de elementos literários e culturais suscita também a necessidade de voltar os olhares para as transformações, para as articulações entre tais elementos e o novo contexto de recepção. Ainda sobre contexto de recepção, podemos voltar à introdução do livro de Jobim, onde o autor discute o elo entre circulação das obras e ambiente de inserção:

Assim, a circulação maior ou menor de obras pode guardar relação com o modo como seus contextos de inserção as consideram. E, obviamente, uma

mesma obra pode gerar julgamentos diferentes, conforme o contexto em que circula esteja estruturado, seja localmente, seja internacionalmente. (JOBIM, 2020, p. 22).

Cada época, segundo Jobim, poderá olhar para o mesmo texto com diferentes abordagens, sejam essas de método, sejam apenas de construção de sentidos, ou outro aspecto qualquer. Um mesmo texto pode abordar condições sociais, por exemplo, consideradas justas em uma época e que, num momento posterior, passam a figurar no rol das práticas sociais condenadas ou proibidas. Dessa forma, pode-se dizer, a partir do que propõe Jobim sobre a circulação literária, que um texto ao circular, nem sempre será o mesmo, e que ele se modifica (a produção de sentidos que dele se faz) de acordo com o contexto, no qual circula, em dado momento.

Zhang Longxi (2017), no artigo “The Yet Unknown World Literature”, publicado na Revista Brasileira de Literatura Comparada, também constrói uma breve discussão a partir da relação entre circulação e recepção:

Circulation is the keyword in Damrosch’s definition, and indeed great works of world literature—from the Homeric epics to Dante and Shakespeare, from Rabelais and Cervantes to Dickens and Balzac, from Jane Austen to Virginia Woolf, from Goethe and Hugo to Wordsworth and Keats, from Baudelaire and Rilke to T. S. Eliot and Yeats, from James Joyce to Kafka and many more—become well-known on a global scale by circulating widely and being read either in their original or in translation by readers far beyond their linguistic and cultural point of origin. Circulation thus separates works of international renown and prestige from those other works that remain locally known and read, and therefore not part of world literature. (LONGXI, 2017, p. 53).

Posto isso, notamos que tanto Jobim (2020) quanto Zhang Longxi (2017) tratam do contexto receptivo das obras literárias a partir da divisão entre local e internacional ao abordarem as perspectivas que envolvem a circulação literária. Zhang Longxi (2017) afirma que a circulação tem a capacidade de separar as obras em dois grandes grupos: obras conhecidas internacionalmente e obras que pertencem apenas ao cenário local. Observamos, portanto, que inúmeras questões permeiam a circulação literária. Adiante temos a descrição de mais algumas questões imprescindíveis no que concerne a esse universo, postuladas por Zhang Longxi (2017):

It is of course a value judgment when we identify some works as “great” or “truly great,” but do not characterize other works in the same way. Value

judgment is unavoidable in the reading and appreciation of literature, but value judgment is something literary scholars tend to shun in the current academic environment, particularly in American and European universities, where values are recognized as being contingent on economic, social and political factors, and considered to be elitist, politically incorrect, and even ideologically repressive. It is therefore understandable that the literary value of a work does not figure explicitly in Damrosch's definition of world literature. In his discussion of the changing concept of world literature "as an established body of classics, as an evolving canon of masterpieces, or as multiple windows on the world," however, he tacitly touches on the question of value and value judgment.⁵ From classics to canon of masterpieces to windows on the world, there is an implicit gradation of values, and not every literary work that circulates in the world can make into any of these categories. That is to say, literary values are actually important in distinguishing what is and is not world literature. Therefore, using circulation as the key to the conceptualization of world literature does not seem to me adequate in differentiating great works worthy of being part of world literature from the large number of books that are simply popular and circulating beyond their linguistic and cultural point of origin. Circulation is descriptive of the process of a book's reception, so Damrosch also speaks of world literature as "a mode of circulation and of reading, a mode that is as applicable to individual works as to bodies of material, available for reading established classics and new discoveries alike."⁶ In my view, world literature cannot and should not be just those already widely circulating classics or masterpieces, which, as I mentioned above, are almost exclusively Western canonical works from Homer to Kafka. I am not at all suggesting debunking or "decanonizing" the great Western canon, but I am making the claim that world literature should encompass much more than the already well-known Western canonical works. For me, world literature is exciting because it offers numerous opportunities to expand the canon of world literature to include great works of other literary traditions, particularly non-Western and even "minor" European traditions, works that remain unknown or little read beyond the scope of their national traditions, but works that have been recognized as of high literary values and have become canonical in those literary traditions (LONGXI, 2017, p. 53)

Destarte, Zhang Longxi (2017) nos mostra as variadas propriedades pertencentes ao campo da circulação literária. Para nossa discussão, vale destacar aqui algumas delas, a saber: juízo de valor, recepção e cânone. Ao abordar esses três aspectos, o autor chama atenção para a necessidade de se ampliar o cânone universal, o chamado cânone da literatura mundial, pois, segundo o teórico, existem milhares de obras com altíssimo valor literário espalhadas ao redor do mundo, porém, não circulam fora de seus locais de origem, permanecendo assim desconhecidas universalmente. Ainda em relação ao cânone da literatura mundial, Longxi (2017) reforça que:

Ideally, all great works of literature in the world should circulate widely and constitute the canon of world literature, but unfortunately the reality is that

not every book circulating widely is of high literary value and worthy of our careful reading, and that not every work of great value, particularly works from non-Western traditions or even the so-called “minor” traditions in European literature, has made it into the canon of world literature. “In fact, in most histories of world literature, hitherto without exception products of the Western world,” as Theo D’haen observes, “non-European literatures were routinely neglected especially in their more modern manifestations.” Even among European literatures, he continues to argue, “treatment has been unequal. Concretely, French, English, and German literature, and to a lesser extent Italian and Spanish literature, next to literature in ancient Greek and in Latin, have received the lion’s share of attention and space.”¹³ But surely many literary traditions outside the major European literatures also have their own great works, some of which should be introduced and widely circulate to become part of world literature. The fact is, however, many of these works remain untranslated and thus unknown internationally, however great and canonical they may be in their own cultures [...] In all countries and cultures, critics and scholars have established literary traditions of canonical works that constitute the very pillar of those traditions, the best and most valuable works that are vehicles of the most important values of their culture and tradition. If world literature is to include only the best of the world’s various traditions, it should be a collection and integration of literary canons from different traditions. But how do we know which works are canonical in different traditions, particularly traditions outside the well-known European canon, canonical works in non-European traditions and “minor” literatures written in “less studied” languages? What are the best works in Persian and Arabic literature, in African and Australian literature, in Dutch, Polish, Scandinavian, or Serbian literature? Who are the major poets and writers in Brazilian or Argentinian literature? Canon and literary criticism are closely related, so we need scholars and critics from different cultural traditions to argue for the canonicity and value of the best works in their traditions, and convince us why a particular work is valuable and worth reading beyond its culture of origin. From this perspective, it becomes clear that world literature should include the world’s canonical works not just from major literary traditions in French, English, German, Italian or Spanish, but much more from hitherto globally unrecognized literary canons, and that literary criticism and scholarly argument are needed to make the case of the canonicity and value of a particular work or group of works, and to convince readers of their values and readability far beyond their native linguistic and cultural environment. This is an important task for all students of comparative and world literature, a task that calls for our persistent effort and diligent work, and also points toward unknown territories with the excitement of new discoveries of value and of beauty. (LONGXI, 2017, p. 55\56).

Conforme notamos, Longxi (2017) afirma que num cenário ideal, todas as grandes obras da literatura mundial deveriam circular de forma irrestrita, porém, o que existe na realidade é a circulação de diversas obras que não têm valor literário e, mesmo assim, chegam aos mais variados lugares, enquanto produções literárias de riquíssimo valor permanecem isoladas do grande público. Desse modo, o autor questiona o cânone literário e reforça a

necessidade do reconhecimento do valor das obras que não fazem parte das grandes tradições literárias.

Da literatura em Roraima

Uma importante leitura a respeito da literatura constituída em Roraima é o livro *Descentralização da Vida Literária: teoria, crítica e autoria em tempos de diversidade* (2021), de Fábio Almeida de Carvalho. No capítulo II, “A literatura da região circum-Roraima”, Carvalho (2021) apresenta uma discussão sobre a mistura de culturas neste estado e sobre como essa mistura influencia a literatura local. Assim, o autor salienta que o tecido social de Roraima é formado por povos indígenas, migrantes vindos de vários estados brasileiros, migrantes vindos da Venezuela, da Guiana e do Haiti. Desse modo, Carvalho (2021) afirma que a análise interpretativa dessa realidade pode ajudar a ampliar o entendimento “sobre o modo por que elementos culturais com uma alegada origem se inserem em outras séries e espaços culturais e nelas ganham novos sentidos” (CARVALHO, 2021, p. 49). O autor ressalta ainda que a partir dessa atitude, pode-se “encontrar elementos para comprovar o argumento de que os processos de trocas e de transferências literárias e culturais são importantes para a vitalidade das culturas em processo de interação” (CARVALHO, 2021, p. 49). No que concerne aos estudos e pesquisas sobre as manifestações culturais locais, Carvalho (2021) chama atenção para a pouca produtividade existente:

Um primeiro aspecto que chama a atenção diz respeito ao fato de que, à diferença do que ocorre com outras regiões culturais do Brasil, tal como a região dos pampas, que também se apresenta na condição de zona de cultura de abrangência transnacional e fronteira, e que há tempos já vem sendo objeto de estudo sistemático do pensamento crítico-interpretativo, no lado brasileiro da região circum-Roraima pode-se constatar que mal engatinham as realizações de espírito interpretativo sobre as diferentes manifestações culturais que dão vida às sociedades que povoam seu espaço. Assim, vale desde já salientar que o aprofundamento da pesquisa sobre a questão apresenta relevância para o processo de consolidação de uma comunidade de espíritos mais fecunda e produtiva no extremo norte do Brasil, em Roraima – lugar de onde emana e para o qual se projeta a presente enunciação [...] (CARVALHO, 2021, p. 48)

Para o autor, a possibilidade de crescimento exponencial da crítica nessa região, pode ser considerada também como fator de desenvolvimento da própria produção artística, uma vez que as transferências e trocas, que também são exercidas no seio das textualidades

críticas, podem ajudar a fomentar e a “fortalecer a inteligência produzida no espaço em que vivemos (...) ajudando a revigorar as formas de expressão literária”:

Cabe, então, aproveitar a ocasião, em que foram e se encontram consideravelmente ampliadas as possibilidades de enunciação nos processos de troca e transferências literárias e culturais, senão também melhoradas as condições de participação discursiva para quem produz teoria e crítica nas periferias e nas frinchas dos sistemas culturais, para expandir e aprofundar o veio crítico discursivo sobre as riquezas e problemas próprios do terreno cultural e literário que ocupamos. Quem sabe assim podemos de fato ajudar a fortalecer a inteligência produzida no espaço em que vivemos, com o qual interagimos e que observamos, e de onde também enunciamos. E deste modo, mais que simples elaborações eruditas, que meras e faustosas criações engenhosas de espírito, destacadas do mundo e da realidade que nos envolve, quase ainda uma vez torre de marfim!, podemos, quem sabe, conseguir produzir um tipo de autoria crítica e teórica para dar substância ao pensamento que se alicerça e expande no ritmo espontâneo da vida e da realidade local, em suas relações e interações regionais, nacionais e transnacionais, mas também étnicas, em que de fato se estrutura. [...] Quem sabe desse modo talvez possamos ajudar a fortalecer uma tradição analítico-discursiva que tenha uma atuação mais positiva sobre o meio que ocupamos – alimentando e ajudando a revigorar as formas da expressão literária e crítico-literária – que, afinal, apesar das especificidades imaginativas e analíticas, “é tudo farinha de um mesmo saco”: – Literatura. Talvez, dessa maneira possamos contribuir para um desenvolvimento mais orgânico e vigoroso da cultura e da expressão verbo - literária dos locais de onde enunciamos, em sua interface com culturas nacionais e transnacionais. E assim, oxalá possamos aos poucos ir marcando nosso lugar de fala no concerto da inteligência histórica, teórica e críticoliterária do nosso tempo (CARVALHO, 2021, p. 60 e 61).

Como bem destaca Carvalho, (2021) o cenário dos estudos e da crítica literária em Roraima carece de contribuições. Os autores e obras precisam ser lidos, pensados, analisados. Precisamos “marcar nosso lugar de fala”, precisamos fortalecer a tradição teórico-crítica local. Portanto, o presente trabalho se configura enquanto um pequeno passo rumo a essas contribuições. Dessa maneira, passamos agora aos apontamentos construídos a partir de *Urihi: nossa terra, nossa floresta* (2017), com ênfase nos elementos de circulação literária e cultural.

Urihi: nossa terra, nossa floresta: uma rápida análise e alguma conclusão

O livro de Fiorotti une poesia e imagem. O leitor é brindado com um poema de feição épica e mais de 40 ilustrações do artista plástico makuxi Jaider Esbell. Versos e cenas contam

a história real de um indígena yanomami que foi retirado de sua comunidade para trabalhar e morar com um não-indígena, um garimpeiro. Na narrativa escrita em verso livre, ficamos estarecidos diante do sofrimento do protagonista, que não tem nome, e se vê levado para longe de seu povo, distante de suas origens, tradições e costumes. Com o passar do tempo, o yanomami é abandonado pelo homem branco após o término da era profícua do diamante. Depois do abandono, tenta retornar para sua comunidade e encontra inúmeros obstáculos no meio do caminho, perdido, na natureza selvagem, entre pensamentos, lembranças e alucinações.

No Canto VI, temos a representação do indígena yanomami rememorando o passado junto ao seu povo:

VI
*uma vez morreu meu avô
amarramos seu corpo n'árvore

queimamos seu corpo guerreiro
comemos seu corpo guerreiro
éramos seu corpo guerreiro
somos seu corpo guerreiro

quando eu morrer

quem preparará meu funeral?
serei pasto de quem?*

(FIOROTTI, 2017)

Como podemos observar, o protagonista descreve o dia da morte de seu avô, índio guerreiro. E o faz utilizando-se de um subterfúgio que o próprio Devair em seus textos acadêmicos sobre os cantos indígenas, aponta: a repetição. Esse expediente de composição, que ajuda a ritmar o canto indígena, empresta ao texto uma aura de verossimilhança, pois imitando a prática de composição dos *taréns*, Devair alcança o efeito estético real da musicalidade desses cantos ancestrais, ao mesmo tempo em que conjuga, no tempo presente, reminiscências da personagem e suas dúvidas quanto ao futuro. Temos, também, nestes versos a temática da antropofagia, tão difundida na literatura do período romântico, especificamente nas obras indianistas, como no poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias:

*Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,

Só de heróis fazemos pasto. —*

Além da antropofagia, tanto os poemas de Devair quanto os cantos de Gonçalves Dias abordam a relação dos indígenas com a morte e com o merecimento, com a força e a bravura de seu povo.

O poema de Devair traz inúmeras representações acerca da dor e da resistência de comunidades autóctones da região circum-Roraima. Com uma linguagem repleta de termos em Yanomami, a coletânea poética remete à temática da oposição branco versus índio e enfatiza a contradição desses dois mundos a partir da voz do indígena:

VII

*tinha 16 anos quando fui roubado
pescava & assava peixe
na folha de banana brava*

*ele me trouxe sapato
uma rede
uma camisa
uma bermuda
sob a rede encontrei*

*meu corpo assustava a todos
a pele do pênis amarrada com embira
: trouxeram outra roupa*

(FIOROTTI, 2017)

Além do aspecto do contraste cultural, no que tange à moral do mundo ocidental, o poema tematiza o corpo masculino. O corpo do indígena assusta “a todos”. Ao mesmo tempo em que denuncia o preconceito, pontua as diferentes formas de se apresentar do ponto de vista das diferentes culturas, no que tange à indumentária.

Em *Urihi*, temos a presença constante do deslocamento, a ideia de viagem de retorno em busca das origens, em busca da própria identidade indígena. Essa presença remete a diversos momentos na literatura brasileira. Observamos esse movimento, por exemplo, em *Macunaíma* e *I-Juca Pirama*. Assim como os protagonistas Macunaíma e o índio guerreiro da tribo Tupi, o indígena yanomami de *Urihi* tenta recuperar algo que perdeu, tenta fazer parte novamente de algo que ficou no passado, porém, as transformações pelas quais passou, a violência à qual foi submetido, o contato agressivo com outra cultura, impedem o reestabelecimento do que crê ser sua identidade originária. Dessa forma, a distância temporal,

espacial e psicológica de seu povo causa o apagamento de sua existência enquanto indígena para si mesmo:

XII

*os espíritos das pedras estão agitados
estão me acompanhando pela subida até o topo
me pinteí de vermelho
: o rosto, os braços, as pernas, o peito
me pinteí com medo*

*fiz esse gesto ancestral
mas não há olhos pra me ver
olhos de meu povo
sem eles não sou nada
(sob a mão a cabeça)*

*sem eles até os espíritos estão sós
sem eles não existo
sem eles parece mais próximo
o caminho até o chão*

(FIOROTTI, 2017)

Para o poeta, a transposição do limite entre culturas, a tentativa de captar esse sentimento de exclusão, essa chegada ao entrelugar da interculturalidade tem um duplo sentido. De um lado, sua narrativa poética avança no sentido de captar sensivelmente o abandono de fazer o gesto ancestral, de cumprir o rito, no caso de seu personagem, mas não haver quem possa ver isso, porque sua condição de indivíduo entre culturas o torna solitário e o rito, por mais fiel que seja ao passado, não tem a autenticidade que tinha antes. Por outro lado, o próprio poeta-autor, em seu eu poético, avança na direção de um conhecimento que o desloca para fora dos limites de sua própria cultura, trazendo uma sensibilidade que além de empática, procura acertar na busca dos valores de outrem, demonstrando o quanto é solitário o caminho entre culturas, especialmente se esse entrelugar não é voluntário e é precedido de violência e exploração.

Talvez seja escusado adicionar que, tanto em textos indigenistas românticos, como *O Guarani e Iracema*, de José de Alencar, quanto em textos modernistas, como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, essa imposição de mudanças de costumes é amplamente abordada. Embora não tenham as próprias vozes indígenas como autoras, denunciando, a violência está lá, e a denúncia também ocorre e corre mundo, na voz de autores consagrados. O conflito

entre indígenas e não-indígenas, a transformação e o apagamento de uma identidade indígena ancestral, o confronto advindo das relações de poder são temáticas que se apresentam e que talvez devam ser observadas também como contribuições para a divulgação, no âmbito da cidade das letras, de temáticas fundamentais para entendermos, hoje, o que no passado conseguiu-se perceber apenas parcialmente.

Assim, mesmo em nossos dias, esses temas ganham novamente fôlego na narrativa de Fiorotti, um escritor não-indígena tratando de importantes temas do mundo indígena, em contato com o mundo ocidental. Observa-se, assim, a retomada desses elementos, porém com uma nova configuração e em novo contexto temporal, o que, do ponto de vista da circulação, nos permite repensar o contexto civilizatório, sem a ingenuidade maniqueísta do certo e do errado, assim como, revisitar os clássicos com um novo olhar. Mais crítico, sim, mais desenvolvido, do ponto de vista teórico, mas com sensibilidade, seriedade e empatia que não nos permitem recair na armadilha anacrônica de acreditar que tudo poderia ser simplesmente diferente, quando condições, inclusive de se fazer representar pela escrita, não havia.

No caso de Devair Fiorotti, o interesse, mais do que se fazer dono de uma voz representativa de uma luta, é o de mostrar a todos que nesses entremundos, que nos colocamos, como poetas e escritores, não há apenas maldade, feiura e violência, mas, também, empatia, amizade e, sobretudo, senso crítico, de quem ama a humanidade pela via da poesia.

Referências

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARVALHO, Fábio Almeida de. **Descentralização da vida literária: Teoria, Crítica e Autoria em tempos de diversidade**. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista, RJ: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2021.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FEITOSA, Suênia Kdidija de Araújo. **Recepção do Movimento Roraimense: identificação, apropriação e construção identitária**. Dissertação de Mestrado. PPGL-UFRR, Boa Vista, RR, 2014.

FIOROTTI, Devair. **Urihi: nossa terra, nossa floresta**. São Paulo: Patuá, 2017.

FIOROTTI, Sonyellen F. F. **Dedicatória** “Devair Fiorotti”. In *Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva* / Fábio Almeida de Carvalho; Roberto Mibielli; Edgar Borges, Organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

JOBIM, José Luís. **Senso comum e conceito de literatura**. Aula no curso sobre Conceitos fundamentais nos estudos literários, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense, 2021.

JOBIM, José Luís. **Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações** [livro eletrônico]- Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista, RJ: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

JOBIM, José Luís. **A Poética do Fundamento: ensaios de Teoria e História da Literatura**. Niterói: EDUFF, 1996.

JOBIM, José Luís. (Org.). **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago Edi., 1992.

LONGXI, Zhang. **The Yet Unknown World Literature**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 32, 2017.

OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. **Identidade e Poesia Musicada: Panorama do Movimento Roraimense a partir da cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração**. *Revista Acta Geográfica* (UFRR), ano iii, n°6, jul./dez. de 2009. p.27-37.